

Metodologias e itinerários do mapeamento social da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, Mato Grosso, Brasil

Regina Aparecida da Silva;
Michelle Jaber

Nesse trabalho apresentamos o Mapa Social da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo elaborado de forma participativa pelos alunos da Educação para Jovens e Adultos e pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). As oficinas de mapeamento seguiram um percurso dialógico da arte-educação-ambiental formando estações vivenciais que se configuraram como uma expedição pelo viver comunitário. Temos o objetivo de apresentar os resultados das oficinas, mas de igual importância apresentamos o processo de mapear, pois o consideramos como uma profícua prática educativa. Compreendemos que o mapeamento deve ser elaborado com e, principalmente, pelas comunidades, este é um percurso dialógico importante para a educação ambiental e para a educação popular, peculiarmente, por contribuir com a visibilidade desses grupos sociais.

Palavras-chaves: territórios, identidades e mapeamento.

1. Introdução

A Cartografia tem muito desse ensinamento de tensão e equilíbrio entre a ciência e a poesia. **Carlos Vogt**

O profícuo diálogo articulador da educação ambiental, da educação popular e das comunidades locais vem nos últimos anos ganhando significativo espaço nas pesquisas acadêmicas com os grupos sociais vulneráveis. Um dos caminhos percorridos para o fortalecimento desses grupos são os mapeamentos participativos que contam com variadas iniciativas e metodologias que vêm reforçando uma importante aliança entre as pesquisas acadêmicas e os movimentos sociais. Entre as diversas metodologias existentes, há uma vasta experiência e enredos metodológicos similares com cunho etnográfico forte, algumas propostas buscam compreender a cartografia local, estimulando que os povos desenhem seus próprios territórios, por meio de diferentes instrumentos, tais como, sistema de

posicionamento global (GPS), imagens de satélite, fotografias, desenhos ou mosaicos, entre outras formas de expressar e representar o local.

A experiência abordada nesse trabalho está inserida no projeto de “Mapeamento Social do Estado de Mato Grosso (MT), Brasil”. Nesse amplo projeto um dos objetivos foi construir o Mapa Social da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo partindo da interlocução de um grupo de alunos do EJA (Educação para Jovens e Adultos) da Escola Estadual São Benedito e integrantes do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

No anseio em reconhecer o Outro sempre negado no processo histórico de ocupação desse estado, buscamos reconhecer as identidades de resistência e registrar, por meio das narrativas a existência de diversos grupos sociais historicamente invisibilizados. Dessa maneira, acreditamos poder contribuir para a visibilidade destes grupos, favorecendo o poder de escuta e de fala a eles, no desejo de se sentirem incluídos e protagonistas na formulação de políticas públicas para a autonomia de suas histórias.

Nesse trabalho apresentamos um registro dos passos metodológicos do mapeamento social participativo nessa comunidade, detalhando os processos de sua construção e os resultados obtidos. Seguimos um percurso dialógico que se fez pela arte-educação-ambiental formando-se em um conjunto de estações vivenciais que se configuraram como uma expedição pelo viver comunitário. Assim, temos o objetivo de apresentar os resultados das oficinas, mas de igual importância apresentamos o processo de mapear, pois o consideramos como uma prática educativa, um mergulho no território e nas vidas dessas pessoas. Os espaços dialógicos das oficinas possibilitaram uma visita ao pretérito, refletindo o presente e projetando o futuro com os sonhos e aspirações dos quilombolas. Seguindo essas etapas (passado, presente e futuro), sem, contudo, nos prender a contornos rígidos, foi possível construir um mapeamento da comunidade.

Compreendemos que o mapeamento deve ser elaborado com e, principalmente, pelas comunidades; este é um percurso dialógico importante para a educação ambiental e para a educação popular, peculiarmente, por dar visibilidade a esses grupos que atribuem outros significados a seus territórios, que conferem outros sentidos aos elementos naturais e aferem outros meios de vida não conduzidos pelo pilar econômico.

2. A metodologia mapa social

A metodologia **mapa social** tem como substrato essencial as autonarrativas dos participantes das oficinas, reforçando as narrativas próprias dos sujeitos da pesquisa contrapondo as metanarrativas dominantes que tradicionalmente incorporam os conhecimentos universais em detrimento do local da cultura (BHABHA, 1998). A proposta metodológica adotada nesse trabalho procurou construir o mapeamento social da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo conjuntamente com os estudantes de maior faixa etária no quilombo (faixa etária de 45-103 anos), pois esses são memórias vivas e conhecem bem a realidade atual e o contexto histórico. No percurso dos trabalhos utilizamos intervenções com recursos audiovisuais como fascículos, vídeos, fotografias, recortes de jornais e arte.

Apresentaremos a seguir as etapas para a realização do mapeamento da comunidade, sendo essas nomeadas como estações vivenciais inspirados nos elementos água, terra, fogo e ar. Cada estação teve objetivos e metodologias próprias e, de igual forma, nos oportunizaram respostas diferenciadas na interlocução com os sujeitos da pesquisa.

2.1 O itinerário nas quatro estações

Estação 1 - ÁGUA: Sensibilização para os conceitos do trajeto

Este foi o momento de sensibilização para os conceitos que seriam utilizados durante a trajetória de construção dos mapas. Foram realizadas atividades vivenciais de sensibilização para o entendimento dos conceitos chaves durante todo o percurso da construção do mapeamento, sendo eles: territórios, identidades, conflitos socioambientais, etc.

Um dos momentos que merecem ser destacados dessa etapa foi o debate sobre os sentidos de território e territorialidade. O território é um elemento preponderante na construção da identidade quilombola, sendo à base das práticas sociais, das representações e das significações. Um dos alicerces desta identidade é o direito ancestral a terra, pois é nela que a comunidade se reconhece, assim, a identidade se interliga ao campo do território, da memória e da temporalidade.

Ao buscarmos epistemologicamente apresentar esse conceito tão relevante para o grupo, uma das participantes mais ativas, D. Tereza interrompe a discussão e “traduz” para o grupo sua compreensão dos elementos debatidos de maneira concisa e poética: *“vejam se entendi o que vocês estão falando? vou trazer para nossa realidade: a rede de dormir, aquele pano grande é a terra nossa, nosso território. E os bordados somos nós nela, nossa identidade. A identidade é o bordado da rede”*.

Estação 2 - AR: Desvelar o viver pela imagética

No chão do cotidiano, esta etapa desvelou a comunidade por meio de imagens fotográficas; esses registros do território e das identidades feitos pelos estudantes, foram roteirizados e organizados pelas temáticas: “Ontem”, “Hoje”, “Problemas e Conflitos”, e “Sonhos e Desejos”.

Nesta estação se fez necessário um aprendizado para operar a máquina fotográfica digital, pois as fotos dos elementos essenciais a serem registrados foram tiradas pelos próprios participantes. Esta foi a estação em que os envolvidos começam a aquecer a discussão, configurada pela ideia de “Desvelar o viver pela imagética”, nesta paragem do trajeto as atividades vivenciais se configuram pelo objetivo de desvelar a vida cotidiana, construindo de forma dialógica um roteiro, para depois realizar os recortes sociais através do registro fotográfico. O que é importante neste momento para registrar através das fotografias? Nesta estação o grupo foi dividido por três grupos temáticos, tais como descritos:

O grupo-temático (GT) 1 **Ontem** teve como o objetivo de olhar, roteirizar e registrar (foram tiradas fotos das fotos antigas e recortes de jornais) fragmentos importantes coletivamente da vida passada da comunidade: Quem eram os antepassados? Como se organizavam? Como viviam e como moravam? Neste caso importa indagar, o que conservamos deste tempo (recordações (faladas, escritas, objetos, imagens), atitudes, valores, manifestações, construções, receitas, crenças, recortes de jornais, fotografias antigas, documentos e etc.)?

O GT 2 **Hoje** teve como objetivo olhar, roteirizar e registrar fragmentos coletivos importantes da vida comunitária cotidiana: Quem somos? Como vivemos? Onde e como moramos? O que produzimos? Como nos organizamos? Como resistimos?

O GT 3 **Problemas e Conflitos** objetivou olhar, roteirizar e registrar os problemas de toda ordem e os conflitos socioambientais estabelecidos: Quais são? Por que são? Onde estão? Quem está envolvido?

O GT 4 **Sonhos e Desejos** objetivou revelar os desejos coletivos, o por vir, no sentido também de desvelar o que pode ser feito (nós mesmos e as políticas públicas) para melhorar o viver: O que queremos? Quais sonhos temos para nossa comunidade? O que podemos fazer? Quais caminhos podemos seguir? Este GT reuniu todos(as) os(as) participantes da oficina.

Estação 3 - ÁGUA: Revelar o viver

Este foi o momento de se lançar um novo olhar sobre o material coletado, tanto das imagens visuais, quanto das palavras que surgiram nas etapas anteriores, potencializando e redimensionando a forma de ver e significar.

Esta paragem se configurou por criar condições dialógicas para um bom desenho pela e para a comunidade. Os participantes olharam para as imagens por eles registradas e debateram sobre a relevância de cada qual e coletivamente definiram quais seriam importantes para desvelar o modo de vida da comunidade. Após essa seleção destacaram nas imagens de contorno das fotos quais elementos gostariam de realçar no registrar aquela “paisagem” (figura 01).



FIGURA 01. Criação artística com destaque aos elementos importantes.

Além disso, foi um momento de conexão de saberes científicos e populares. Neste momento foram utilizados os fascículos pedagógicos produzidos pelo GPEA com temáticas relacionadas a comunidade de Mata Cavallo. Somente após este momento que amplia o campo visual, no sentido de ofertar uma vista panorâmica (contextualizada) é que o grupo iniciou a construção do caderno pedagógico e dos mapas temáticos.

Estação 4- TERRA: Dar forma a cartografia

Nessa estação o grupo deu forma ao trabalho realizado até aqui, traduzindo artística-textualmente todo o percurso realizado, bem como, aos dados coletados no caminho: fotografias, descrições, autonarrativas, etc. Esta paragem foi o momento da criação artística (texto imagético), pois é aqui que se trabalhou ética e esteticamente a cartografia. Com a soma de todas as estações vivenciais foi possível construir coletivamente a cartografia socioambiental ancorada nas identidades construídas no território de Mata Cavallo.

Esta possibilidade de tradução-representação-artística poderia se desenhar em qualquer linguagem artística das múltiplas existentes. Em Mata Cavallo escolhemos conjuntamente a elaboração de um caderno pedagógico com o mapeamento local, além de mapas temáticos da comunidade e materiais audiovisuais.

3. Conhecendo a comunidade a partir das autonarrativas do grupo e das pesquisas acadêmicas

A localização

No Cerrado e nas bordas do Pantanal está localizada a Comunidade Quilombola de Mata Cavalo distante há aproximadamente 50 km de Cuiabá, capital do Estado de MT, no município de Nossa Senhora do Livramento. Suas terras são cortadas pela rodovia MT-060, que liga Cuiabá a cidade de Poconé. A comunidade quilombola reúne, aproximadamente, 420 famílias em seis áreas: Ourinhos, Estiva, Aguaçu, Mata Cavalo de Cima, Mutuca e Capim Verde. Os quilombolas lutam há mais de cem anos para fazer valer seus direitos sobre um território de aproximadamente 14.000 hectares (BARROS, 2007).

O Passado

O Quilombo de Mata Cavalo é uma porção de terra que para além de territórios geográficos, inscreve-se em identidades construídas nas vivências históricas que demarcam sua temporalidade. A origem da terra da sesmaria Boa Vida de Mata Cavalo está ligada à história dona Anna da Silva Tavares, que antes de falecer em 1883, ratificando o testamento de seu esposo Ricardo José Alves Bastos, deixa em testamento a libertação de seus 34 escravos e doa, aos mesmos, parte das terras que possuía nas proximidades do ribeirão Mata Cavalo (MURARO-SILVA, 2003; BARROS, 2007; SIMIONE, 2008). Após esta doação, a região foi palco de muitos conflitos, particularmente, pela implantação de projetos de mineração e pela disputa dos territórios com os agropecuaristas. No ano 2000, a comunidade de Mata Cavalo foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombos e, assim como outras comunidades, vem demandando junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a titulação de seu território.

De acordo com Barcelos (2010) e as autonarrativas do grupo envolvido no mapeamento, em 1890, iniciaram-se, pelos interesses da elite rural dominante nesta região, as manobras políticas que levariam ao início dos conflitos pela disputa desta terra, numa luta desigual. O livro n. 49 do Tabelionato de Notas de Livramento, que continha as anotações jurídicas legitimando a doação feita aos escravos cativos e também libertos de D. Anna, desapareceu de forma misteriosa. Curiosamente, a referida senhora é descendente das famílias da oligarquia dominante na região, que falsificaram todo tipo de documentos para suprimir quaisquer direitos de posse da terra por parte dos negros da Sesmaria Boa Vida.

Resquícios do período de escravidão ainda podem ser encontrados na área do quilombo, como: a fornalha, troncos, antigas senzalas e cemitérios antigos. Muitos desses vestígios foram registrados pelos participantes do mapeamento.

O uso da terra em Mata Cavalo obteve, desde o início, um caráter efetivo de uso e cultivo de cunho comunitário pelos quilombolas. A permanência deste grupo, entretanto, não aconteceu sem resistência e luta por esse direito de uso da terra. A disputa por este território se estende até os dias atuais e se dá na luta contra a ameaça da propriedade de direito privado simbolizado pelo crescente aumento das cercas.

Desde tempos idos os quilombolas sofrem com a invasão de seus territórios, no ano de 1942 teve início a invasão da terra do quilombo Mata Cavalo por alguns fazendeiros. Segundo narrativas durante as oficinas, o fazendeiro Juquê, antigo morador do município de Nossa Senhora do Livramento “*vendia coisas fiadas: fumo, guaraná em bastão de ralar, sabão, entre outros*”, aos moradores de Mata Cavalo. A princípio, os quilombolas pagavam a dívida ao fazendeiro em espécie, ou seja, coisas da roça produzidas pelos próprios quilombolas, tais como melado, açúcar de barro (açúcar branco), mandioca, milho, feijão e farinha de mandioca. Posteriormente, o fazendeiro deixou de aceitar o pagamento em espécie passando a exigir que o pagamento fosse efetivado pela troca de terras. Em virtude da dificuldade em obter um acordo entre os fazendeiros e o grupo local, o primeiro solicitou junto à Justiça a medição das terras dos quilombolas com o objetivo de pressionar os moradores de Mata Cavalo. Após muitas desavenças, os quilombolas foram obrigados a pagar a dívida sob a troca de 40 hectares de terra ao fazendeiro. Além disso, o antigo prefeito de Livramento, o Manoel Monteiro da Silva (o Manequinho) foi vendendo pedaços do quilombo, “*ele fez a medição judiciária da sesmaria e vendeu a preço de banana para outros fazendeiros*” (D. Tereza).

Em 1980, o conflito entre fazendeiros e quilombolas se intensifica. A permanência das famílias quilombolas na sesmaria Boa Vida somente foi possível porque algumas pessoas compraram as terras em que moram atualmente. Neste período, não havia associação de moradores o que dificultou ainda mais a luta pela permanência na terra. Na época, muitos quilombolas migraram para os grandes centros, especialmente, Várzea Grande e Cuiabá. Os que permaneceram sofreram intensamente com as opressões, violências físicas e verbais, ameaças de morte e constantes despejos promovidos pelos fazendeiros. Uma das quilombolas nos conta um desses episódios: “*Um dia o fazendeiro me xingou me chamando de ladrão de terra, disse que me daria uma chicotada para aprender. Fui tocada como vaca! Abaixei, peguei uma pedra e botei num estilingue e ele saiu correndo e eu soltei a pedra na bunda do*

cavalo dele [...]. Aqui era só tristeza, eu dormia no chão com minhas crianças e os tiros passavam por cima da minha casa” (D. Branca).

Um forte movimento de resistência no quilombo retorna em 1994. Segundo os relatos dos participantes da oficina, *“Seu Sesário era braço direito da luta, ele que veio à frente do comboio que saiu do Simão”*, este comboio aconteceu com a presença de todo quilombo e parceiros da luta. O ano de 1996 é um marco histórico na Comunidade Quilombola, pois teve início a mobilização política em favor dos direitos de trabalhadores negros rurais do complexo Mata Cavalo em relação ao acesso à terra.

A princípio, os militantes quilombolas se organizaram em um movimento de reforma agrária que teve pontos decisivos na luta pelos seus direitos territoriais, articulados com trabalhadores sem-terra. Depois, desse movimento de reforma agrária, os quilombolas reconheceram que a luta pelo seu território estava mais fortalecida com sua identidade negra. Passaram a requer a Terra Quilombola e não mais assentamentos rurais.

A associação de moradores de Mata Cavalo foi criada em 1996, num cenário de luta, após longos e cansativos momentos de resistência dos moradores contra os fazendeiros da região: *“nós fomos muito ameaçados, muitas casas foram queimadas, muitos de nós perseguidos pelos jagunços dos fazendeiros, principalmente do fazendeiro Eriberto e Carlos Maciel, mas resistimos e continuamos aqui” (D. Tereza).*

O Presente

A vida no quilombo, segundo os alunos do EJA, não é ruim, mas tem lá suas dificuldades e uma delas seria o acesso à água (alguns registros do cotidiano foram identificados na figura 02). Além dos córregos e rios que cortam o território quilombola, oferecendo lazer e alimento, principalmente para os que moram perto deles, a água para consumo humano só pode ser encontrada no poço artesiano comunitário que fica próximo à sede da associação, sendo transportada em garrafas do tipo pet e baldes; carregados na cabeça, em carriola, charrete ou de carro. Além disso, correm risco de a água estar contaminada por mercúrio, devido à forte exploração aurífera em tempos idos.



Figura 02. Mapa fotográfico da Comunidade Quilombolas de Mata Cavallo

Além da destruição de nascentes e desmatamento da mata ciliar de rios e córregos por atividades econômicas como a pecuária e o garimpo, os problemas relacionados à água incluem a construção de represas e a presença de lixo nos córregos e rios, e a cada vez mais sentida falta de chuvas, que segundo Sr. Israel, naquele ano, “*prejudicou as plantações de melão, melancia e abóbora*”. Outras espécies que são cultivadas em seus quintais ou em seus pequenos “*roçados*” são mandioca, milho, feijão, maxixe, quiabo, cará, batata doce, banana, mamão, maracujá, limão, abacaxi, caju, manga, goiaba, acerola, mangaba, e hortaliças como alface e cebolinha.

Outra fonte de dificuldade apontada é o tipo de combustível utilizado para uso doméstico. Como a maior parte da população não tem uma renda fixa, vivendo de aposentadoria, da agricultura de subsistência ou pequenos trabalhos, é dada preferência ao uso do fogão à lenha e o gás de cozinha só é utilizado na época das chuvas, quando não acham lenha seca. Mas o acesso a essa fonte de energia, segundo eles, está comprometido pelo desmatamento que os fazendeiros fizeram para transformar o Cerrado em pastagens. Para iluminar as noites estreladas do quilombo, a maioria ainda usa vela, lampião ou candeia, pois o projeto Luz Para Todos não foi concluído e poucos têm acesso à energia elétrica.

A facilidade e o acesso ao transporte e aos meios de comunicação no quilombo variam de acordo com a localidade onde cada um mora. O transporte geralmente é feito de bicicleta, cavalo e charrete.

Sem muitas alternativas de renda, os participantes das oficinas vivem com o pagamento da aposentadoria, serviço braçal em fazendas das redondezas, lavoura de subsistência e criação de animais como o gado, porco, carneiro, bode, galinha, galinha de angola, pato, ganso e peru. Também tem aqueles que fabricam doces, queijo e farinha para vender. O artesanato surge como outra fonte de renda com a confecção de abanador de babaçu, baquitê, pilão, colher de pau, cabo de machado e o crochê.

Os Conflitos

Não se educa sem a capacidade de se indignar diante das injustiças (Paulo Freire)

Os povos quilombolas vêm enfrentando um processo longo de conflitos ambientais centrados essencialmente nas disputas pelos seus territórios e na luta pelo reconhecimento de seus direitos ancestrais. Os conflitos com os fazendeiros fizeram com que muitos quilombolas abandonassem suas terras, mesmo com um refluxo recente podemos perceber que muitos dos seus hábitos foram alterados pela privação do contato com o território.

Com base nas entrevistas realizadas com alguns moradores do quilombo e com os frutos das diversas oficinas realizadas com a turma do EJA foi possível realizar um prognóstico dos principais impactos ambientais que são propulsores dos conflitos em Mata Cavalu (figura 03). Além de citar os impactos/conflitos, os quilombolas em dinâmicas de grupo registraram fotograficamente essas situações para posteriormente contextualizá-las durante as oficinas.



todos, por ser esse o principal mote dos conflitos nesta comunidade e porque, por meio deste, muitos outros conflitos são suscitados. Nos movimentos de resistência vivenciados por esses

moradores, consta a proteção pelo ambiente natural, uma vez que a área do quilombo está devastada pela ação dos fazendeiros.

A substituição de áreas de Cerrado para pecuária extensiva é vista como uma forte ação responsável pela descaracterização ambiental e cultural. Muitos dos serviços ecossistêmicos, anteriormente, desfrutados pelos quilombolas, não estão mais disponíveis, devido às extensas áreas desmatadas. As palmeiras de babaçu, bacuri, buriti, bocaiúva sempre muito abundantes na região estão se tornando escassas, são consideradas por eles espécies de vegetação importantes, tanto como alimento como para construção de suas casas e perpetuação de seu modo de vida singular. Uma de nossas entrevistadas afirma que: *“os fazendeiros para dizerem que estão ocupando as terras, pra dizer que são produtivas, trocaram o mato por um capim que alastrou pelo quilombo e colocaram o gado”*. (D. Preta).

Outro impacto citado pelos envolvidos no mapeamento, como propulsor de conflitos, são as queimadas, que se tornam ainda mais grave devido à forma tradicional que os moradores constroem suas casas, com palha de babaçu trançada. Durante o período das queimadas os moradores vivem em tensão, pois suas casas podem ser totalmente destruídas pelo fogo. Um quilombola queixa-se das queimadas, dizendo: *“todo ano é a mesma coisa, tem época do ano que não durmo fazendo aceiro para que o fogo que vem da fazenda não entre dentro da minha casa, é uma luta sem fim”*. (D. Branca).

Caminhando pelo quilombo para o registro fotográfico dos impactos é fácil confirmar as denúncias feitas pelos moradores, as áreas que ainda se encontram sob domínio dos fazendeiros são mal aproveitadas, com extensas áreas de pastos para poucos animais. Com isso, percebemos que a disputa por terras envolve e entrelaça diversas outras causas.

À margem das políticas públicas, a (re)existência dessa comunidade em permanecer em seu território fortalece sua identidade, em prol de uma luta coletiva que só se torna possível pela vivência dessas pessoas com seu entorno, seu ambiente e sua convivência comum. Os quilombolas de Mata Cavallo saíram da cultura do silêncio em busca da invenção da liberdade, da justiça, da luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada (FREIRE, 1987; 1992).

Os sonhos e desejos

As expectativas dessa gente para o melhor viver se projetam pelos desejos de cada um que luta todos os dias na defesa incansável pela terra quilombola, que resiste, cotidianamente, à tudo que lhe é imposto e a todos que por ventura tentam tirar o que conquistaram por direito. O desejo de todos neste território perpassa pela imensa vontade de ter a suas terras nas mãos

calejadas pela luta. A esperança de alcançar as terras quilombolas ganha forma, peso, cor, palavras e eco através de um fazer com as próprias mãos. Um punhado de terra, retalhos de madeira, pedaços de papel e papelão, um pouco de tinta, cola e tesoura, revelam o porvir de brava gente afro-brasileira mato-grossense!

Sonham e desenham o futuro com a garantia da posse de terra:

“Ah! Bom seria poder agora nomear o 'meu' pedaço de terra como 'Sejam Bem-Vindos', e assim, abrir a porteira ou cancela para receber minha família e amigos!”

“Bom seria construir minha casa em definitivo nessa terra, para que assim pudesse, sem medo, encostar meu corpo cansado na soleira da porta depois de um dia de labor 'duro' no roçado, e contemplar o sol que se põe multicolorido!”

“Bom seria construir um altar bem grande e bonito para Nossa Senhora Aparecida, assim poderia todos os dias agradecer a tão sonhada terra prometida!!!!”

4. Reflexões sobre a experiência vivenciada e a luta dos quilombolas

Há diferentes identidades, diversos modos de vida e diferentes significações dos territórios. E, na maioria das vezes, há conflitos entre estas diferentes concepções. A defesa das diferenças culturais, das identidades coletivas, da autonomia e da autodefinição desses povos são dimensões atuais, da luta pelos direitos coletivos que, também implicam na conservação dos ecossistemas.

As comunidades quilombolas vêm enfrentando um processo longo de conflitos ambientais centrados, essencialmente, nas disputas pelos seus territórios e na luta pelo reconhecimento de seus direitos. Este fato nos evidencia questões emergenciais, como a necessidade de estudos que ofereçam múltiplos conhecimentos de cada comunidade que instiguem maiores empenhos dos setores responsáveis em acelerar os processos de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação dos territórios quilombolas em MT. É nesta esperança que projetamos nosso estudo, esperando contribuir para a ampliação da visibilidade destes grupos, para que a elaboração de políticas públicas venha fortalecer a sustentabilidade e a luta dos povos quilombolas.

Nas últimas décadas, diversos grupos sociais portadores de identidades coletivas, organizados em movimentos sociais, vem buscando garantir e reivindicar os direitos, que sempre lhes foram negados. Especialmente, em um país em que a propriedade da terra, desde sempre, é motivo de disputas, especialmente no embate com grandes proprietários e grileiros, em função da dominação territorial e dos distintos modos de relacionamento com o ambiente.

As lutas das comunidades quilombolas somam-se as lutas de uma gama de grupos sociais que trazem uma identidade étnica e defendem outra territorialidade, com seus diferentes modos de vida e diferentes significações dos territórios. É preciso saber ouvir as vozes destes grupos que tem projetos de vida e ocupação do território diferenciados da grande maioria hegemônica do capital. Mais que isso, é preciso dar voz a estes esquecidos do modelo implantado, para que estes sejam protagonistas fortalecidos na luta pela defesa de seus territórios, modos de vida e identidades.

Referências

BARCELOS, Silvânio Paulo de. O Quilombo Mata Cavalos: territorialidade negra no mundo globalizado. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, maio 2010. Coluna Sala de Aula. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com/documentos/Quilombo_Mata_Cavalos.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2010.

BARROS, Edir Pina de. **Laudo pericial histórico-antropológico**. Mato Grosso: Justiça Federal, 2007.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila; Eliana Reis; Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

MURARO-SILVA, José Orlando. Mata Cavalos: escravos e proprietários de suas terras. **Anais do X Congresso de Direito Agrário**, 2003. Disponível em: <<http://www.abda.com.br/texto/JoseMuraroSilva2.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2008.

SIMIONE, Roberta Moraes. **Território de Mata Cavalos: identidades em movimento na educação ambiental**. 2008, 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2008.